

Paixão pela verdade na formação do Jornalista¹: contribuições da Paidéia grega²

Felipe Mello³

Resumo do texto

O ensaio tem por tema o lugar da Ética na formação do jornalista, observando possíveis inspirações e uma contribuição prática da Paidéia helênica em busca da paixão pela verdade: o Simpósio. O tema está vinculado à pesquisa do autor junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Cáspér Líbero. A motivação é a valorização da Ética pela percepção da responsabilidade e oportunidade sociais que acompanham o ofício do Jornalismo na contemporaneidade.

Palavras-chave

Jornalismo, Graduação, Ética, Paidéia, Simpósio.

Meursault foi apresentado por seu criador de maneira que o aproxima, dentro de um recorte e uma certa licença acadêmica, em termos de missão, desafios e atitudes, do jornalista interessado em desempenhar seu ofício com a inspiração ética que sustenta este texto. O espanto do leitor há de ser compreendido, uma vez que o personagem traz consigo o cheiro e o fato da morte na obra de Albert Camus (1913-1960). Começar um ensaio que

¹ Texto original, como recebido pela coordenação do Interprogramas.

² Texto redigido a partir do projeto de dissertação “O lugar da Ética na formação do jornalista e as contribuições da Paidéia”, do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cáspér Líbero, área de concentração “Comunicação na Contemporaneidade” e linha de pesquisa “Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento”, sob a orientação do Prof. Dr. Dimas A. Künsch.

³ Possui graduação em Comunicação Social pela ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing). Técnico em Radialismo pelo Senac-SP e Artes Cênicas pelo Teatro Escola Célia Helena. Integra o grupo de pesquisa “Comunicação, Jornalismo e Epistemologia da Compreensão”. Sócio-diretor da Comunidea e 4Genesis e diretor- fundador da ONG Canto Cidadão.

se propõe a falar do lugar da Ética na formação do jornalista com tal sorte de comparação deve constar como heresia em algum manual. Ainda assim, a democracia há de garantir um recurso de apelação, ou ainda, uma ligeira explicação com caráter de prólogo. O autor argelino descreve um de seus imortais protagonistas em uma entrevista no ano de 1955:

Não seria errado ler *O Estrangeiro* como a história de um homem que, sem nenhuma atitude heróica, aceita morrer pela verdade. Meursault para mim não é um perdido, mas um homem pobre e nu, apaixonado pelo sol que não faz sombra. Longe de ser privado de toda sensibilidade, uma paixão profunda, porque tenaz, o anima a paixão do absoluto e da verdade.

Antes de seguir com a tentativa de defender a aproximação do personagem camusiano com o jornalista, ou ainda, o jornalista orientado pela Ética que aqui se pretende apresentar, uma visita aos tempos recuados será feita, inspirada pelo trecho do parágrafo anterior que anuncia a paixão de Mersault pelo sol que não faz sombra. Muito se conhece sobre os caminhos de Alexandre Magno (356-323 a.C.), filho de Filipe da Macedônia (382-336 a.C.), cuja alcunha "o Grande" foi consequência de suas vastas conquistas territoriais. Profundo admirador e promotor da cultura helenista, o jovem que fora discípulo de Aristóteles teve um encontro inusitado com um personagem intrigante da filosofia grega: Diógenes (404-323a.C.). Apelidado de "o cão" por sua opção de viver nas ruas sem qualquer apego aos bens materiais, o filósofo adepto da doutrina do cinismo escolhera viver na pobreza intencional para não depender de ninguém, partindo da crença de que ter menos lhe traria mais liberdade. Tinha como morada improvisada uma grande e quebrada urna, e ali mesmo aconteceu o seu encontro com o grande comandante. Este se aproximou afirmando que queria conhecer o famoso Diógenes, perguntando-lhe o que Alexandre poderia fazer por ele. O filósofo não precisou de muito tempo para responder que a única coisa que ele queria era que o outro saísse de sua frente, pois naquela posição estava cobrindo o sol e lhe fazendo sombra. Apesar da apreensão dos presentes e da revolta frente

à aparente ignorância petulante do velho, Alexandre respondeu de forma surpreendente, dizendo que se não fosse quem era gostaria de ser Diógenes.

Retornando ao personagem de Camus, sem perder a pista oferecida pelo pensador grego, tem-se a paixão profunda pelo absoluto e a verdade, possíveis filhos da paixão nua e imaterial pela luz que não faz sombra. Aqui reside a motivação da tentativa de aproximação de Mersault com o jornalista, mesmo sabendo que o personagem fictício assassinou um árabe de modo fútil e intempestivo. O risco da comparação parece compensar em função da contundente similaridade com a função do jornalismo: coragem de entrega à revelação da verdade, ainda que face a face com um general que se acreditava filho de Zeus. O Grande contra o cão. Nessa mirada, Mersault e Diógenes se fazem jornalistas, ainda que não diplomados. Em um outro momento e contexto, quando Camus se pronuncia a respeito da Ética, também o faz com o apoio de um sentimento. Em vez da paixão, algo ainda mais agudo. Quando perguntado como seria um livro seu que tratasse diretamente do tema Ética, o ganhador do prêmio Nobel de Literatura de 1957 respondeu que produziria uma publicação de 100 páginas, com 99 delas em branco e na última uma única palavra: amor.

Este ensaio lança olhares em direção à formação do jornalista, buscando aderir ao coro que sente e percebe que o aprimoramento da tratativa da Ética no período de preparação do profissional pode auxiliá-lo a escapar da armadilha de se tornar um estrangeiro em sua própria pátria, ou ainda, um portador de instrumentos de iluminação que pode fazer sombra ao que está à sua volta. Como apoios teóricos à tentativa, estão convidados autores como Edgar Morin, Michel Maffesoli, Werner Jaeger e Platão, além de inspirações práticas oriundas da Paidéia, que por diversos séculos foi responsável pela formação educacional, emocional e cívica do homem grego.

O caminho entre a ementa e a sala de aula

A opção por um ensaio para tratar do tema da Ética na formação do jornalista se deve ao desejo de aproximação a possíveis inspirações, antes de proposições que fechem um conceito e definam uma forma A ou B de se mexer na grade curricular. Aliás, o filósofo e pensador mineiro Rubem Alves há tempos provoca para a inadequação do termo grade curricular, uma vez que para ele o sentido de aprisionamento é exatamente o oposto daquilo

a que deveria tender um processo educacional orientado para a libertação do estudante por meio de seus talentos. A escola como um local de fortalecimento de asas e não como gaiola (Alves, 2010).

O sentido pragmático deste ensaio se encontra na crença, derivada de uma esperança ativa, da possibilidade de ajustes na forma de apresentar as nuances da Ética para alguém que está chegando a um curso superior de jornalismo. Além do contato com as normas e legislações vigentes que balizam a prática da profissão, e também além da noção do que grandes pensadores pesquisaram e escreveram sobre o tema, o desejo que motiva este autor é a defesa de um constante exercício de atualização e aprimoramento dos espaços de contato com os conceitos e práticas da Ética. A relevância maior de tal empenho se justificaria pelo fato de que profissional da Comunicação Social, neste caso específico o jornalista, parece transitar cada vez mais pela sociedade contemporânea levando consigo uma grande oportunidade, oriunda da responsabilidade de sua função, de oferecer seus talentos à produção de mediações nutritivas para a esfera pública. Pensar, pesquisar, escrever e publicar sobre essas inquietações justificam o caráter ativo da esperança do autor. Se Freud sugeriu que o pensamento é a ação ensaiando (Freud, 2010), a ampliação das inquietações, observações e estudos a respeito do tema podem contribuir para uma interferência real na ação de estimular quem pretende ser um jornalista a investir pesado em sua caixa de conexões humanas (que pode ser traduzida por sua reflexões e práticas éticas e estéticas), equilibrando-a com a normalmente bastante recheada caixa de ferramentas (traduzida pelas competências cognitivas e técnicas do fazer jornalístico).

Qual seria, então, o resultado de simpósios recorrentes – prática que será apresentada com mais detalhes neste texto – oferecidos aos alunos da graduação de Jornalismo, tendo como mestres pensadores como Edgar Morin, Michel Maffesoli, Werner Jaeger, Joseph Campbell e outros que dedicaram suas vidas à observação de formas distintas e possíveis de compreender o mundo e as suas relações? Fácil colocar areia na idéia, uma vez que tais autores ou estão distantes geograficamente dos estudantes brasileiros ou já não se encontram mais na dimensão dos vivos. Entretanto, em tempos de aceitação e quase devoção ao virtual, qual é o impedimento de se manter contato frequente, ainda que não presencial, com tais provocadores? Muitos professores apresentam tais

pensadores e outros aos alunos, porém persiste a insistente inquietação sobre a possibilidade de propor novas maneiras e mais tempo de dedicação ao contato com suas obras. O desafio está longe de ser simples, pois as demandas que vêm do mercado – bastante relacionadas à caixa de ferramentas – consomem grande parte do currículo oferecido na graduação. Mas será que a atenção correta à técnica pode justificar a desatenção a uma proposta mais ousada e parruda de aproximação das questões morais e éticas? A transversalidade da presença destes temas nos currículos universitários, por meio da conexão constante do fazer prático com o refletir ético, aparece como resposta possível à inquietação aqui proposta, mas talvez o caminho entre a ementa do curso e as horas, sensações, relações e experiências vividas em sala de aula ainda não esteja pavimentado, por mais sensibilidade que tantos professores tenham em relação ao tema.

A cabeça bem feita

O nascimento da deusa Atena, que para os gregos antigos significava o conhecimento, a justiça e a equidade, é um episódio mitológico que aqui merece registro. Ela era filha de Zeus com Métis, respectivamente deus da criação e líder do Olimpo e deusa do discernimento e da perspicácia. Quando Métis engravidou de Zeus, este decidiu engoli-la por medo dos filhos que ela pudesse ter. O resultado foi uma terrível dor de cabeça, demandando que Hefesto, deus das ferramentas, criasse nas profundezas do monte Vesúvio um machado capaz de partir o crânio de Zeus para aliviar a pressão. Lá de dentro saiu, armada para a guerra, a figura de Atena.

Mais uma inspiração que pode se aproximar da função ética do jornalista, uma vez que o ato de criar as mediações comunicacionais cotidianas baseadas no conhecimento e justiça está relacionado ao discernimento que o profissional desenvolve para lidar com variáveis dinâmicas como fatos, fontes, meios e públicos. A dor de cabeça de quem busca a prática da Ética no Jornalismo pode ser sentida no tenso movimento entre o ato de criar mensagens pertinentes em comunhão com o discernimento associado à função e limites do ato de comunicar, gerando impactos sociais capazes de contribuir com o a distribuição de conhecimento e justiça. Como protagonista do diálogo público, o jornalista que se pretende ético parece não conseguir escapar incólume da etimologia da própria palavra protagonista,

7º Interprogramas de Mestrado

que chega ao português a partir do *protagonistés* grego, em que *proto* é o principal e *agonistés* é o lutador. A chave, contudo, está em perceber que dentro da palavra *agonistés* reside também o conceito de agonia, desafio.

Antes ainda de se chegar ao autor da expressão que dá título a esta parte do texto, uma nova visita aos tempos recuados, agora sob a tutela de Werner Jaeger, autor da obra mais estudada por quem deseja se aproximar da Paidéia.

Não se pode evitar o emprego de expressões modernas como civilização, cultura, tradição, literatura ou educação; nenhuma delas, porém coincide realmente com o que os Gregos entendiam por Paidéia. Cada um daqueles termos se limita a exprimir um aspecto daquele conceito global, e, para abranger o campo total do conceito grego, teríamos de empregá-los de uma só vez (JAEGER, 1995).

Esta forma de apresentar a Paidéia, ou seja, como um conceito global que atravessa a dinâmica social tal qual a proposta de transversalidade no ensino da Ética citada anteriormente, orientou a formação do homem grego (no sentido de espécie e não de gênero, uma vez que as mulheres também participavam do processo) durante um tempo não menor do que dez séculos, até o quinto século antes de Cristo. Neste ensaio, três conceitos oriundos dessa "tecnologia" serão utilizados como inspirações para o objeto aqui eleito para a observação: o *arete*, a *eudaimonia* e o *sympóson*.

Em sua obra *A cabeça bem feita: repensar a reforma e reformar o pensamento*, Edgar Morin elabora a questão da compreensão da condição humana, sugerindo a busca pela sapiência relacionada à verdadeira condição humana, sua origem, lugar no universo e destino (Morin, 2003). Tal sugestão se aproxima sensivelmente de um dos objetivos centrais da Paidéia, representado pelo discurso que o jovem deveria fazer na *ágora* (praça central) da *pólis* (cidade grega) por volta dos 18 anos de idade. Além da maioridade cronológica, esse ritual de passagem era condição indispensável para que o indivíduo conquistasse direitos políticos, caso fosse aprovado por aqueles que ali já eram considerados cidadãos. Eram duas as questões centrais a serem respondidas, como

7º Interprogramas de Mestrado

resultado de uma preparação de aproximadamente 12 anos (seis aos 18 anos de idade): o Enigma da Esfinge (caminho para o auto-conhecimento, por meio das indagações sobre quem ele era, de onde viera, o que estava fazendo ali e para onde queria seguir) e a intenção de utilizar os talentos a serviço da coletividade. De acordo com Viktor D. Salis:

Tornar-se cidadão significava o direito de ser reconhecido como *anthropos* (do sânscrito *anth*, olhar para os deuses, para o alto; e *tropos*, conseguir, maneira de), distinguindo-se do bárbaro, que não era nem educado e nem preparado para buscar as respostas do Enigma da Esfinge. (...) Além de cidadão, era reconhecido como *politicós* e *politisménos*, que em grego antigo significavam o homem ético da *pólis* e o homem civilizado, respectivamente (Salis, 1999).

Antes desse momento, entretanto, estímulos diversos faziam parte do desenvolvimento infanto-juvenil. A partir dos seis anos de idade, o participante da Paidéia se integrava a um grupo de 12 discípulos que seria acompanhado por um mestre pelos próximos 12 anos, em média. O início da formação se dava no Ginásio, do grego *gymnosis*, cujo sentido original era o local para a prática de virtudes, o desenvolvimento da alma, das habilidades intelectuais. Em uma interpretação complementar, o termo assumia o sentido de local para se desnudar, não no sentido literal, mas, sim, relacionado ao fortalecimento da coragem de ser, de fazer a aparência coincidir com a essência, e não a esconder. Os principais recursos que o mestre dispunha para promover a revelação dos talentos e o respeito pelo outro e pela vida eram o teatro, o canto e a dança. Antes de aprender a ler e a escrever, técnicas que só eram transmitidas por volta dos nove e 15 anos, respectivamente, as crianças ouviam as narrativas míticas e depois as recriavam em jogos teatrais. Também aprendiam a cantar para exercitar a sensibilidade da alma e a dançar para conhecer o seu corpo. Segundo Sócrates (469–399 a.C.), um dos muitos mestre da Paidéia, era pelo corpo que se podia parir o espírito, pelo conhecimento de si, do outro e do mundo.

7º Interprogramas de Mestrado

A trajetória proposta pela Paidéia tinha como norte a responsabilidade da instituição de formação humana ética e técnica em auxiliar os alunos a conquistarem o *arete* e a *eudaimonia*. O primeiro conceito está associado à excelência individual, ou ainda, o melhor que se pode ser a partir do que se é; já o segundo se apresenta como o termo mais próximo ao que hoje se convencionou chamar de felicidade, uma vez que esta palavra não existia no repertório grego arcaico. O mais próximo que se pode chegar em termos de tradução do conceito de *eudaimonia* – muito defendida por Sócrates – é a sensação de plenitude ética pelo respeito e desenvolvimento do *daimon*, conceito que naquele mesmo período tinha o sentido de uma entidade imortal que habita o ser, e que cobra dele a investigação (auto-conhecimento), revelação e desenvolvimento de si (busca pelo *arete*) e aplicação dos talentos a serviço da coletividade, contribuindo com a justiça, a equidade e o bem comum (em consonância com o discurso que o jovem fazia na *ágora*, conforme apresentado anteriormente). O respeito ao *daimon* é lembrado também por Hipócrates (460–377 a.C.), considerado o pai da medicina ocidental, quando ele diz que o homem que se afasta do seu destino adoece. O destino não era tratado como algo externo e alheio ao indivíduo, mas sim uma dimensão ética construída por meio da busca constante de excelência individual pela musculatura das virtudes, especialmente no campo das relações interpessoais. A displicência frente a esse compromisso individual estaria, assim, associada ao adoecimento físico, psíquico e social da condição humana.

Na estrutura de preparação do aluno uma outra prática será aqui destacada: o *sympósion*. Do grego *sym* – asserção, afirmação – e *posis* – impressões, opiniões – esses encontros reuniam mestres e discípulos de várias etapas de formação. Aos mestres cabiam a missão de eleger um tema de interesse coletivo e lançar impressões, argumentos e provocações. Aos discípulos mais adiantados em seu processo de desenvolvimento – que já tinham concluída a etapa inicial da Paidéia, ou seja, já tinham realizado de forma bem sucedida o seu discurso na *ágora* – era concedido o direito de manifestação ocasional. Aos jovens adolescentes que ainda estavam em sua caminhada inicial de preparação, a oportunidade era de receber as afecções dos demais. A todos cabia o compromisso de observar e encontrar em sua vida cotidiana as oportunidades de recriação dos princípios e valores que ali eram tratados. Sendo assim, o *sympósion* (neste texto também será utilizada

a palavra portuguesa simpósio) sugeria aos participantes resultados práticos a partir da reflexão, rompendo com a armadilha da erudição inerte.

Uma das principais obras arcaicas que chegaram aos tempos atuais é conhecida como *O Banquete*, que pelas palavras de Platão (428-347 a.C.) apresenta um encontro no qual estavam presentes Sócrates, Aristodemo (amigo e discípulo de Sócrates), Fedro (um jovem), Pausânias (amante de Agaton), Eriximaco (um médico), Aristófanes (autor de comédias) e Alcibíades (um político). Importante ressaltar que o título original da obra passa longe da impressão de festa gastronômica que a tradução para o português sugere, uma vez que em grego foi batizado exatamente de *Sympósion*. O tema central desse simpósio eram as naturezas e as qualidades do amor; contudo, a tratativa do amor era uma resposta metaforizada de Platão às acusações da *pólis* contra a filosofia, uma vez que naquele momento da história grega os princípios e valores promovidos por séculos pela Paidéia tinham perdido espaço para as ambições político-imperialistas.

Simpósio versão 2.0

Por que e como os simpósios podem contribuir com a transversalidade da tratativa da Ética na preparação atual dos jornalistas? Um trecho do texto platônico citado no parágrafo anterior pode auxiliar na resposta, a partir das palavras de Alcibíades:

A quem quisesse ouvir os discursos de Sócrates pareceriam eles inteiramente ridículos à primeira vez: tais são os nomes e frases de que por fora se revestem eles, como de uma pele de sátiro insolente! Pois ele fala de bestas de carga, de ferreiros, de sapateiros, de correeiros, e sempre parece com as mesmas palavras dizer as mesmas coisas, a ponto de qualquer inexperiente ou imbecil zombar de seus discursos. Quem porém os viu entreabrir-se e em seu interior penetra, primeiramente descobrirá que, no fundo, são os únicos que têm inteligência, e depois, que são o quanto possível divinos, e os que o maior número contêm de imagens de virtude, e o mais possível se orientam, ou melhor, em tudo se orientam para

7º Interprogramas de Mestrado

o que convém ter em mira, quando se procura ser um distinto e honrado cidadão (Platão, 2011).

Mais uma vez se explora o caráter pragmático que o simpósio tinha, por meio de práticas discursivas que tinham o pensamento como meio e vida real como objeto. A busca pela Ética como exercício cotidiano, entremeada nas atitudes de todos, e não apenas daqueles ditos iniciados ou iluminados pelo saber cognitivo. A Ética, assim, também como um fruto e uma aspiração do homem comum, do senso comum.

Michel Maffesoli, em sua obra *Elogio da razão sensível*, coloca luz nos esforços de valorização do senso comum, do conhecimento comum:

De minha parte, acredito que seja exatamente isso que convém pôr em questão. De um modo fenomenológico ou compreensivo, talvez se deva considerar o senso comum não como um momento a ultrapassar, não como um “pré-texto” que prefigura o texto verdadeiro que pode ser escrito sobre o social, mas como algo que tem sua validade em si, como uma maneira de ser e de pensar que basta a si própria e que não carece, quanto a isso, de nenhum mundo preconcebido, fosse qual fosse, que lhe desse sentido e respeitabilidade (Maffesoli, 2001).

Retornando ao desafio de aproveitar cada vez mais a "tecnologia" do simpósio nos cursos de graduação de jornalistas, observa-se a possibilidade de construir cada vez mais momentos dedicados à reflexão criativa do papel do profissional tanto nas disciplinas ditas técnicas quanto nas humanistas. O encontro entre os conceitos e práticas expostas em sala de aula e a observação da vida real – palco central do jornalismo – como um forte estímulo de conexão entre o observador e o fato a ser observado, entre o narrador e aquilo que será narrado, entre o humano que espalhará por voz, imagens e palavras, o humano que motivou tal difusão e o humano que receberá a informação. Longe de inferir que os encontros entre

alunos e professores de Jornalismo não propõe atualmente tais aproximações entre o teórico e o real, este ensaio – que está vinculado em termos de interesses de investigação à dissertação de Mestrado que este autor está realizando na Faculdade Cásper Líbero – reflete sobre as possibilidades de valorização do diálogo estruturado e estruturante motivado pelos dilemas éticos. Tais momentos interativos e positivamente perturbadores podem contribuir para a tratativa de outra preocupação exposta por Edgar Morin em sua obra *A cabeça bem feita: repensar a reforma e reformar o pensamento*, quando ele sugere a preservação das curiosidades naturais do humano, pela observação e interrogação tenazes do meio onde transitam (Morin, 2003). Viva o espanto filosófico do jornalista, do tipo que o estimula a ter a coragem de ser para recriar os mitos – no sentido de experiências de vida – capazes de sustentar as bases de um ofício que tanto mais ganha valor social quanto mais se entrega à paixão profunda, porque tenaz, pela verdade.

Referências bibliográficas

- ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da Educação*. São Paulo: Loyola, 2010.
- FREUD, SIGMUND. *Obras Psicológicas Completas versão 2.0*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. 3º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- PLATÃO. *O Banquete*. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- SALIS, Viktor D.. *Paidéia: Para formar um homem obra de arte, ético e criador no séc. XXI*. São Paulo-SP: Edições Viktor de Salis, 1999.

